

Traços morfológicos de dentes facilitam identificação em perícias

Ainda não havia sido descrito nenhum padrão para a população brasileira

RAQUEL DO CARMO SANTOS
kel@unicamp.br

A cirurgiã-dentista Rachel Tinoco acaba de catalogar os traços morfológicos dos dentes da população do Estado do Rio de Janeiro. Uma vez descritos, esses traços permitem maior precisão na identificação étnica de uma pessoa quando, em situações de tragédias, apenas as ossadas estão disponíveis para as análises. Segundo a cirurgiã-dentista, ainda não havia sido descrito nenhum padrão para a população brasileira, e as referências utilizadas tomavam como base as tabelas internacionais. “Os traços morfológicos constituem uma ferramenta adicional – e mais precisa – para a identificação de ossadas com fins periciais, visto que eles variam entre as populações mundiais. No entanto, é importante que se tenham índices locais e atualizados como referência”, explica.

Antes do estudo de Rachel Tinoco, desenvolvido na Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP), os índices de Antropologia Dental referentes à América do Sul provinham de pesquisas em populações indígenas e hispano-americanas. No entanto, o Brasil possui características muito distintas e, atualmente,



Foto: Divulgação

A cirurgiã-dentista Rachel Tinoco: “Os traços morfológicos constituem uma ferramenta adicional”

existe um nível de miscigenação muito forte com variações regionais bastante evidentes, o que tornaria este padrão desatualizado.

As investigações realizadas com amostras da população fluminense constituem um ponto de partida, pois elas não poderiam servir de referência para os outros Estados brasileiros. A ideia, destaca Rachel,

é continuar os estudos até que se tenham amostras de outras regiões. “É certo que os traços catalogados no Rio de Janeiro não seriam os mesmos que encontraríamos em Porto Alegre, onde sabemos possuir uma carga genética europeia forte”, exemplifica.

O estudo contemplou indivíduos entre 18 e 30 anos de idade e levou-se em conta a prevalência de alguns

traços antropológicos encontrados no arco dental de brasileiros para buscar a relação com outros índices levantados em estudos anteriores. Foram analisadas cópias fiéis dos dentes feitas em amostras de gesso de 139 pessoas, sendo 59 homens e 71 mulheres. Como critério foi estabelecido que os voluntários deveriam ser de naturalidade brasileira,

com ascendentes brasileiros até segundo grau. Também não poderiam ter grau de parentesco com outros participantes.

Foram avaliadas a presença de seis traços antropológicos que já haviam sido descritos nas populações indígenas. Os resultados encontrados foram bem diferentes do esperado. Um deles, o dente incisivo em forma de pá, por exemplo, teve a incidência em apenas 14,29% das amostras. “Era esperado que tivéssemos em torno de 97,9%, de acordo com as referências bibliográficas para a América do Sul”, explica. Outro exemplo foi a ausência de cúspide disto-vestibular (molar inferior tetra-cuspidado). Esperava-se que a incidência fosse de 8,6%, mas foram encontradas em 83,04% da amostra.

Desta forma, explica Rachel, observa-se que as frequências obtidas de todos os traços avaliados destoaram daquelas anteriormente apresentadas como as referências para o grupo ameríndio ou sul-americano. “A amostra analisada possui pouca semelhança com o chamado complexo dental americano, que não deixa de estar de acordo com os acontecimentos históricos locais”, comenta.

Todo estudo foi realizado em dois anos, sob orientação do professor Eduardo Daruge Junior, especialista na área de Odontologia Legal. As investigações trazem uma maior compreensão para a identificação de ossadas por meio dos dentes, principal indicador quando o crânio está em condições desfavoráveis.

■ Publicação

Tese: “Antropologia dental: traços não-métricos de uma amostra brasileira”
Autora: Rachel Lima Ribeiro Tinoco
Orientador: Eduardo Daruge Junior
Unidade: Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP)

Estudo aponta sedentarismo entre enfermeiros

Fisioterapeuta avaliou em testes 109 profissionais de cidade mineira

A maioria dos profissionais da equipe técnica de enfermagem que participou de estudo conduzido pela fisioterapeuta Beatriz de Oliveira é sedentária. A constatação foi feita depois de a fisioterapeuta aplicar questionário e testes de funções cognitivas em 109 profissionais, entre enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem, que atuam no município de Poços de Caldas, em Minas Gerais. Dos voluntários da pesquisa, 74% declararam não praticar nenhum tipo de atividade física. Este aspecto acabou sendo destacado na pesquisa, uma vez que o objetivo foi verificar as repercussões do trabalho em turnos no sono e em funções cognitivas nas equipes de enfermagem do hospital.

“Foi um resultado inesperado, justamente em uma população que se dedica a cuidar da saúde dos pacientes e, principalmente, com o conhecimento de que a atividade física é essencial para uma melhor qualidade do sono”, destaca Beatriz de Oliveira, que apresentou dissertação de mestrado

na Faculdade de Ciências Médicas (FCM).

Outro aspecto interessante no estudo foram os resultados dos testes de memória de curto prazo, um dos itens avaliados das funções cognitivas. Neles, os profissionais de saúde que trabalham em duas instituições distintas tiveram melhor desempenho nos testes do que aqueles que desenvolvem suas atividades em um único emprego. “Também não esperava que os profissionais que têm dois empregos tivessem melhor desempenho nos testes de memória. Isto poderia indicar que o fato de atuarem em duas instituições distintas, o exercício com a memória é muito maior”, explica.

A pesquisa identificou ainda que os trabalhadores do noturno dormem bem mais, porém a qualidade do sono foi considerada ruim, ou seja, o sono não foi restaurador. “A principal contribuição do estudo é que diante destas considerações seria possível sugerir medidas para melhorar o processo de elaboração de escalas de trabalho e orientar a equipe de enfermagem sobre as medidas de higiene do sono”, acredita.

Os testes de atenção apresentaram uma diferença significativa no desempenho daqueles profissionais que não têm filhos e que trabalham no período diurno. Eles obtiveram resultados bem melhores mesmo após 12 horas de trabalho contínuo. Uma questão que poderia ter interferido no resultado seria que a amostra foi composta, em grande parte, por indivíduos com menos de 30 anos, idade

em que se espera uma maior atenção no desenvolvimento das atividades funcionais.

A pesquisa, segundo Beatriz, consiste na continuidade dos trabalhos desenvolvidos por sua orientadora, a professora Milva Maria Figueiredo De Martino. Ela conta que pelo fato de Poços de Caldas ser uma cidade bem menor do que Campinas, os dados em relação ao sono dos profissionais de saúde poderiam ser diferentes. “No

entanto, tivemos um quadro bem semelhante e que sugere um padrão característico de quem executa o trabalho em turnos”, esclarece.

Os profissionais de saúde trabalham em uma sequência de 12 horas e o fato de precisarem se sujeitar à escala de turnos é uma preocupação constante, uma vez que atuam diretamente no cuidado com o paciente, sem contar a questão de acidentes de trabalhos que os tornam mais vul-

neráveis. Neste sentido, as questões levantadas na pesquisa se fazem necessárias para estudos em outras cidades do país. (R.C.S.)

■ Publicação

Dissertação: “Estudo da memória, atenção e ciclo vigília-sono da equipe de enfermagem nos diferentes turnos de trabalho”
Autor: Beatriz de Oliveira
Orientador: Milva Maria Figueiredo de Martino
Unidade: Faculdade de Ciências Médicas (FCM)



Foto: Antoninho Perri

Beatriz de Oliveira, autora da dissertação: “Foi um resultado inesperado”